

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Matheus Pessanha Barbosa

LULISMO E BOLSONARISMO: FENÔMENO E DISPUTA

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso).
Orientadora: Christiane Jalles de Paula

Juiz de Fora
2023

DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, Matheus Pessanha Barbosa, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 201772056A, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “LULISMO E BOLSONARISMO: FENÔMENO E DISPUTA” desenvolvido durante o período de 20/09/2022 a 11/01/2023 sob a orientação de Christiane Jalles de Paula, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, ____ de _____ de _____.

Matheus Pessanha Barbosa

Marcar abaixo, caso se aplique:

Solicito aguardar o período de () 1 ano, ou () 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

OBSERVAÇÃO: esta declaração deve ser preenchida, impressa e **assinada** pelo aluno autor do TCC e inserido após a capa da versão final impressa do TCC a ser entregue na Coordenação do Bacharelado Interdisciplinar de Ciências Humanas.

LULISMO E BOLSONARISMO: FENÔMENO E DISPUTA

Matheus Pessanha Barbosa¹

RESUMO

O presente artigo ressalta a influência do efeito lulismo articulado com o efeito polarização evidenciando a temática “Lulismo e Bolsonaro: fenômenos e disputas”, demonstrando que esses fenômenos advêm de uma distinta maneira de pensar e estudar o quadro político desde tempos remotos. Nesse caminho, o objetivo central é buscar compreender a dicotomia de ideais que separa os da “Direita e os da Esquerda” em polos centralizados e ligados a ideologia partidária construída, principalmente, com a ajuda das redes sociais atuais. Para tanto, a metodologia aplicada para o desenvolvimento desse artigo dialoga com um estudo bibliográfico de caráter exploratório, assim como análise de publicações do jornal “O Globo”, que tem por finalidade aclarar as discussões que rompem em meio essa luta pela hegemonia partidária tão sonhada pelos políticos atuais. Dessa forma, espera-se com isso, responder essa propensa ideia que circunda os meandros da sociedade política revendo a caminhada política e estudando mais a fundo o efeito lulismo no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: Lulismo. Bolsonaro. Polarização. Esquerda. Direita. Política. Imprensa.

1. INTRODUÇÃO

A vitória nas eleições de 2006 por parte do Partido dos Trabalhadores, base do desenvolvimento do movimento político que viria a ser chamado de Lulismo acaba por desencadear o efeito polarização que, gradualmente, divide as intenções de voto em dois polos políticos, efeito que foi claramente evidenciado nas eleições de 2022. Essa caracterização causa uma disputa pela plena hegemonia política dos partidos. Dessa forma, esse artigo busca através da temática “Lulismo e Bolsonaro: fenômeno e disputas” demonstrar o contraste de ideias que polariza de forma sistêmica o tecido social brasileiro em duas classes distintas na maneira de pensar a política no dia a dia.

Historicamente o conceito de direita e esquerda é fruto da Revolução Francesa e tinha por pano de fundo as contradições ideológicas na maneira de se fazer política na época. Hoje, parece que esse mesmo raciocínio ainda perdura nos meandros sociais quando se fala de ideários políticos.

Diante disso, resta a seguinte indagação: Será que o efeito lulismo, tido como rejeitado nas eleições de 2018, volta em 2022 propenso a obter a tão sonhada hegemonia política no Brasil? Para tentar responder essa indagação, deve-se analisar a conjuntura e os caminhos políticos traçados pelo então presidente Luiz Inácio Lula da Silva desde a sua caminhada sindical até o ano corrente, e nesse sentido, o presente artigo traça como objetivo geral entender o comportamento dos eleitores de direita e esquerda e como esse comportamento configurou numa nova ideologia, principalmente dos eleitores considerados de direita nesse país. E para fomentar ainda mais a discussão, os objetivos específicos traçam como finalidade a importância de entender os conceitos de direita e esquerda; estudar os fenômenos da polarização política; identificar as causas da rejeição do lulismo em 2018 e a sua ascendente volta em 2022.

¹ Graduando em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. E-mail: pessanha_matheus@hotmail.com. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientadora: Christiane Jalles de Paula.

Ademais, esse presente artigo apresenta um estudo bibliográfico de caráter exploratório que tem por objetivo se familiarizar com os efeitos da polarização política no Brasil e o efeito lulismo, voltando-se a autores que serviram de aporte teórico para o desenvolvimento desse artigo. O trabalho estrutura-se em uma introdução contextualizando o assunto tratado; desenvolvimento – dividido em subtópicos no qual traz um estudo exploratório de artigos relacionados a temática, evidenciando os problemas conjunturais do efeito lulismo e a polarização, observados nas publicações do jornal O Globo no mês de junho de 2022; e conclusão na qual apresenta-se o fechamento desse artigo, com análise geral de suas ideias.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1. Conceituando a Direita e Esquerda

O conceito de direita e esquerda advém da eufórica Revolução Francesa, quando dois grupos distintos, intitulados Jacobinos e Girondinos se sentavam em lugares opostos na assembleia nacional. Os jacobinos ocupando a posição à esquerda defendiam posições mais radicais e de caráter popular, daí o termo esquerda passou a ser associado a posições de cunho popular. E em contrapartida os da direita chamados de girondinos defendiam políticas moderadas, sempre com o temor de perderem o controle para as camadas mais populares da sociedade (DE LUNA; DA SILVA SANTOS, 2022).

Diante disso, nota-se hoje, um pequeno acidente histórico que conseqüentemente gerou uma conjuntura pertinente para aquela época. Nesse caminho, sabe-se que essa conjuntura histórica formalizada na Revolução Francesa não condiz mais com as políticas contemporâneas feitas no Brasil atual, pois, esquerda e direita na presente pós-modernidade, pouco têm a ver com o lugar que os políticos se sentam na assembleia e muito menos com os jacobinos e os girondinos (DETRAGIACHE, 1996)

Entretanto, a Revolução Francesa deu uma outra contribuição para os conceitos de esquerda e direita, que foi idealizado através de um debate intenso que surgiu na revolução da França em 1789, travados por um inglês e um irlandês chamados de Edmund Burke e Thomas Paine, atores esses, que difundiram a ideia do conservadorismo e do progressismo, que hoje em dia, tem mais a ver com os conceitos de direita e esquerda, do que a relação jacobinos e girondinos (ALBERTONE, 2016).

Nesse sentido, Edmund Burke, político irlandês, vai se colocar contra a Revolução Francesa, destacando o ônus que poderia advir desse episódio (DETRAGIACHE, 1996). Edmund Burke, tem medo de que a revolução francesa descambe para um simples terror. O curioso, é que esse temor de Edmund Burke se concretiza, mesmo ele tendo escrito isso antes dos acontecimentos que tradicionalmente são chamados do terror da Revolução Francesa (DETRAGIACHE, 1996).

No entanto Thomas Paine, um entusiasta da revolução americana da independência dos Estados Unidos, olha para a França com o mesmo entusiasmo revolucionário e acredita que, aquele é o momento em que a história humana dá uma grande virada. Tomas Paine, acreditava que era possível começar o mundo do zero. Uma crença que foi muito compartilhada pelos iluministas e racionalistas do século XVIII, marcando um certo estilo do

pensamento radical que surge com a ideia de que a razão humana seria capaz de permitir que os homens reformulassem a sua vida social a partir de um planejamento teórico, ideológico e político (ALBERTONE, 2016).

Nesse ínterim, Edmund Burke continua na sua oposição ferrenha e dirá que, os homens não têm razão suficiente ou a capacidade humana para começar do zero essa experiência. Pois, todos fazem parte de um experimento social muito maior, que é o Contrato Social e que deve ser respeitado e envolve tudo e todos que já estiveram vivos, assim como envolve aqueles que vivem agora e que viverão depois, e, portanto, não se deve destruir as tradições, mas sim cuidar para que as reformas sejam cautelosas em vez de começar do zero grandes projetos teóricos e abstratos para se fazer reforma na política (ALBERTONE, 2016).

Esses dois modelos de pensamento político, de um lado, a ideia que se deve radicalizar verso a uma concepção de política que é prudente, que procura respeitar o conhecimento herdado do passado e manter o tecido social unificado, de alguma maneira estão presentes em todos os conceitos de esquerda e direita das democracias modernas, sejam nos Estados Unidos, Alemanha, Inglaterra ou no Brasil, esse tipo de concepção de esquerda e direita é muito mais duradoura do que aquelas que refazem seus passos até as trilhas dos jacobinos e girondinos (ALBERTONE, 2016).

2.2. Polarização Política advinda de uma nova configuração ideológica

Luís Inácio da Silva surge como ator político durante as lutas trabalhistas da década de 70. Eleito presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema, em 1975, Lula, como ficaria conhecido, foi de grande importância nas greves de 1978-1980 no ABC paulista, por sua liderança dentro do processo de redemocratização em curso. A imagem de um Lula trabalhador que busca mudanças radicais se torna a base para suas campanhas presidenciais de 1989 a 1998. Essa imagem se opunha fortemente ao neoliberalismo que também começava a disputar o espaço político na recente democracia brasileira. Dessa forma, o sindicalista se põe nessa disputa como defensor de políticas de cunho social e econômico que desagradavam os maiores proponentes deste neoliberalismo: os grandes empresários e grandes produtores rurais, aliados à sua massa política: a classe média.

Nessa perspectiva, a fim de gerar força política suficiente para o êxito nas urnas, Lula refaz o seu projeto para 2002, incluindo medidas e discursos que apaziguassem as classes que o impediram de fazer frente a direita liberal nas eleições anteriores, formando desse modo um pacto que dará início a base necessária para o que ficará conhecido como o Lulismo. Nos é posto a luz, assim, um novo modo de entender e fazer a política institucional democrática no Brasil. Uma presidência que buscou estabelecer a fundação das políticas públicas voltadas para o combate a miséria e desigualdade gera um realinhamento eleitoral, como observado por André Singer, que dá origem a esse novo movimento. Este, girando em torno da figura do então presidente, permite a aceleração da “implantação do modelo ‘diminuição da pobreza com manutenção da ordem’ esboçado no primeiro quadriênio” (SINGER, 2012).

Sem se dar conta, como menciona Singer (2012), a percepção do fenômeno lulismo no Brasil, começou a ser difundida quando elementos, tanto da esquerda, quanto da direita, misturava-se com proeminentes discursos

e práticas que levaram a conversão de votos de pessoas antes tidas como invisíveis na sociedade brasileira. Mais que apenas uma ferramenta política, o lulismo representa uma mudança material das bases eleitorais da democracia no país, uma vez que dá forma às reivindicações do subproletariado, o incorporando e tornando-lhe agente político. Divide e repolariza novamente o debate entre pobres e ricos, dispondo e evidenciando claramente a luta dos trabalhadores pelo governo. Dessa maneira, esse deslocamento eleitoral transforma e refaz a política e o modo pelo qual a entendemos no cenário brasileiro. Os trabalhadores buscam em Lula a melhoria de suas condições materiais frente aos desafios do sistema de produção vigente, enquanto os liberais buscaram a proteção dos valores e aparato ideológico mais essenciais para o funcionamento deste sistema. Dessa forma, cria-se um reformismo contraditório, que não se permite expandir para as raízes da desigualdade, enquanto materialmente se observa a força de mudança e resgate das categorias trabalhadoras sobre as quais se fundam os ideais do líder petista.

Nessa ótica, Costa (2019), ainda define que essa polarização avança para as extremidades conforme o nível de desigualdade social aumenta. E o interessante nessa análise que o contrário também pode acontecer como afirma Singer (2012, p.32), nesse quesito ele cita que: “[...] disposição da parcela mais pobre de sufragar Lula, inverte-se de maneira linear à medida que aumenta o rendimento, de sorte que os mais ricos dão folga a Alckmin”.

Nota-se que a polarização advém de um discurso ideológico que fomenta um alimento de ideias com o público que se quer atingir. Essas ideias, vigoram-se de acordo com o rendimento econômico que a população está vivendo no momento. Nessa lógica, a população brasileira em sua maioria possui baixa rentabilidade, e logo, se apegam ao discurso discorrido pelo candidato Luiz Inácio Lula da Silva do (PT) citado logo abaixo.

Trecho do discurso citado pelo então candidato Luiz Inácio Lula da Silva.

Hoje, os trabalhadores conquistaram não apenas o direito de fazer acordos salariais melhores do que faziam antes, os trabalhadores conquistaram um aumento de salário-mínimo que é o maior dos últimos 30 anos, os trabalhadores conquistaram o direito de entrar nesta Casa como se esta Casa fosse a casa deles, porque não pode ser diferente, o palácio de um governo tem que ser o palácio do povo brasileiro. Eu sinto orgulho, porque normalmente os palácios presidenciais são feitos para um determinado tipo de gente e, na minha concepção, o palácio do Presidente da República precisa receber rainhas, precisa receber reis, precisa receber príncipes, precisa receber empresários, pequenos, grandes e médios, precisa receber deputados, senadores, governadores, mas este Palácio precisa se habituar, a partir do meu governo, a receber aqueles que vivem nas ruas catando o papel que nós jogamos, para reciclar e fazer desse trabalho penoso a sua sobrevivência com dignidade. Este Palácio precisa aprender a receber as minorias marginalizadas deste País. Este Palácio precisa aprender a receber os negros, os índios, as mulheres. E este Palácio precisa aprender a receber aqueles que, muitas vezes, não conseguem nem passar perto do Palácio, quanto mais entrar nele. E fazemos isso porque queremos consolidar a democracia brasileira de tal forma, numa relação sadia e produtiva com a sociedade, participando das conferências nacionais, ouvindo o povo, porque é com a sabedoria popular que o governante aprende a errar menos e a acertar mais, e vou continuar governando desse jeito: ouvindo cada vez mais, porque eu aprendi que, na sua sabedoria divina, Deus fez a gente com uma boca para falar menos e dois ouvidos para escutar mais, e isso falta um pouco na política nacional. Por fim, meus companheiros e companheiras, se me permitem tratá-los assim, eu quero dizer para vocês que os quatro anos que temos pela frente são quatro anos mais compensadores, mas, ao mesmo tempo, mais difíceis do que os primeiros quatro. Eu tenho noção do que significa as coisas que nós fizemos, tenho noção que já fizemos muito. Mas, ao mesmo tempo, tenho noção que diante das necessidades do povo e diante da quantidade de décadas e décadas de dívida social com o

povo brasileiro, mesmo fazendo muito, nós fizemos muito menos do que aquilo que precisa ser feito para que a gente possa tornar o Brasil um país mais justo, mais equânime, onde todas as pessoas possam conquistar a cidadania plena, com o direito de trabalhar, de estudar, de ter acesso à cultura, ao lazer, a tomar café de manhã, almoçar, jantar, tirar férias e cuidar da sua família (BBC BRASIL. COM, 2007).

Nota-se nesse discurso, um apelo afetivo para com a população brasileira quando Lula ressalta,

Sou Presidente de todos sem me preocupar com a origem social de cada um. Mas não se enganem, mesmo sendo Presidente de todos eu continuarei fazendo o que faz uma mãe, eu cuidarei primeiro daqueles mais necessitados, daqueles mais fragilizados, daqueles que mais precisam do Estado brasileiro (BBC BRASIL. COM, 2007).

Nesse prisma, talvez seja essa maneira de se expressar que faz com que Lula seja mais bem quisto pelos pobres desse país. Nessa perspectiva, Singer (2012, p.35), observa que Lula começa a se fortalecer quando sua ideologia afeta a “classes ou frações de classes que têm dificuldades estruturais para se organizar”, nessa ótica, essas ‘frações de classes’ identificadas por Lula não dispõem de um representante que avance sua causa política.

2.3. A rejeição do fenômeno Lulismo nas eleições de 2018, e seu retorno para 2022

Ao mesmo tempo em que se desenvolve o fenômeno do lulismo, cresce na direita brasileira o chamado “antipetismo”, que atinge o seu clímax na eleição de Jair Bolsonaro em 2018 contra seu rival Fernando Haddad, representante do partido de Lula. Essas mudanças decorridas do golpe – materializado no impeachment de Dilma Rousseff, criam um cenário político favorável a uma disputa de oposições, com o governismo quase nulo nesta eleição (CHALOUB, LIMA, PERLATTO, 2018).

Dessa forma, pode-se observar uma reinvenção por parte da direita a partir de 2014, se caracterizando singularmente na história da democracia brasileira. Nesse cenário, Bolsonaro se projeta como liderança nacional no vazio deixado pelo PSDB, enquanto novos elementos políticos surgem e convergem para a eleição deste.

Sendo assim, ao se fazer uma análise das clivagens eleitorais, percebem-se certas bases em comum de uma polarização entre uma esquerda democrática e uma direita cada vez mais radical. Esta direita, alimentada por think tanks, e assim denominados influenciadores digitais, se volta para uma política negativa, onde a diferenciação ocorre não através de ideias compartilhadas, mas pelo afastamento em relação ao oposto, fortalecendo um cenário da dicotomia de petistas e antipetistas (GÜRPINAR, 2023). Dessa forma, busca afastar-se de alguns conceitos do lulismo, em especial a intervenção estatal na economia, necessária ao reformismo petista (CHALOUB, LIMA, PERLATTO, 2018).

Partindo dessa negativa, convergem em certas ideias os representantes dessa nova direita: o ultraliberalismo e o neoconservadorismo. Este último se opõe às mudanças das bases consideradas fundamentais a uma moralidade de inspiração cristã tradicionalista. Ainda que não haja homogeneidade entre esses representantes, pode-se aproximá-los nestes dois conceitos, já que contrapõem os avanços da esquerda institucional e permitem a direita se posicionar por trás de uma imagem anti-sistêmica, seguindo a tendência dos novos movimentos de mesmo viés ao redor do mundo (HOLSTON, 2013).

É desse modo que se cria uma polarização simplista entre esquerda e direita fundada sobre o apoio ou crítica ao Estado, agrupando cada vez mais diferentes esquerdas e diferentes direitas em uma dicotomia vazia de análise de classe e cada vez mais baseado nas diferenças de um conjunto de ideias sobre a base da fundação da sociedade brasileira (HOLSTON, 2013).

Tudo isso, aliado aos acontecimentos que remontam ao segundo mandato de Dilma, resulta em uma “direitização” das forças políticas da direita, e em última instância culminam na eleição de Bolsonaro em 2018. O golpe e consequente falha do governo PMDBista de Michel Temer criam o cenário propenso e incentivam esse processo. Dois fatores essenciais a esta eleição se fazem importantes para o entendimento da eleição presidencial de 2022, na qual Lula é eleito. O primeiro é a importância da oposição entre petismo e antipetismo e o segundo o componente regional dos eleitores, como observa Jairo Nicolau (2018).

Assim, registra-se que um terço dos eleitores rejeitava o Partido dos Trabalhadores no ano da eleição anterior, e que desses, noventa por cento votava em Bolsonaro, ou seja, conforme Menciona Nicolau (2020, p.20) “em 2018, ser antipetista significou ser bolsonarista”. Essa clara divisão evidencia a polarização descrita pela direita anteriormente e torna visível a divisão real que dela surge. Além disso, a divisão de votos distribuídos por escolaridade mostra inicialmente uma preferência em todas as etapas de ensino pelo candidato eleito em 2018, até que se observe a questão regional: no nordeste, o voto em Haddad – candidato petista – cresce nos municípios menores e nas faixas de escolaridade mais baixas, delimitando um cenário afim das eleições anteriores vitoriosas do Partido dos Trabalhadores. Dessa forma “a vantagem de votos absolutos conquistado pelo PT no Nordeste tem sido expressiva, o que obriga os adversários a abrirem uma diferença de votos no Sudeste para tentar anulá-la” (NICOLAU, 2020). Enquanto a antiga oposição PSDBista não alcança esse feito, Bolsonaro consegue, em 2018, ultrapassar a importância do reduto petista no nordeste.

Assim, pela primeira vez um candidato se elege com um pífio recorte das verbas e tempo de propaganda eleitoral, ignorando até mesmo os debates. Entretanto, a eleição necessariamente desenvolve-se em disputas internas, de forma a evidenciar a política negativa sobre a qual se fundou e suas divergências internas.

2.4. Caderno de política do jornal o globo: tendências e estratégias

A partir da seleção das publicações do caderno de política do jornal “O Globo”, no período delimitado pelo mês de junho de 2022 – de forma a observar o início da movimentação eleitoral – cria-se análise baseada na observação de sequências de notícias sobre os candidatos do Partido dos Trabalhadores e do Partido Liberal, que nos permite observar algumas tendências das quais destacam e descrevem-se cinco: enquanto as três primeiras buscam delimitar as estratégias dos candidatos no início do período eleitoral e suas consequências, as duas últimas almejam analisar rapidamente os recortes de eleitores que definiram a eleição, fazendo as possíveis comparações às situações das eleições de Lula, em 2006, e Bolsonaro, em 2018.

Assim, a primeira sequência que nos é cara de análise é a estratégia de Bolsonaro de não comparecer a debates no início da campanha. Ainda que tenha comparecido a alguns, diferentemente de 2018, o ex-militar inicialmente não considerava participar dos debates, como evidenciado na notícia do dia primeiro de junho: “Para evitar ‘pancadas’ Bolsonaro admite não ir a debates no primeiro turno”. A estratégia inicial, então, assemelhava-

se aquela da última eleição, quando foi eleito sem participar de nenhum, e com pouquíssimo tempo de horário eleitoral para propaganda. Naquela edição, manteve, assim como nessa, o foco em eventos presenciais e redes sociais, através de compartilhamento em massa. Entretanto, se diferencia na recente eleição a disposição de tempo de propaganda e utilização da máquina do governo na campanha de Jair, e evidentemente a participação em debates, principalmente para enfrentar Lula, seja direta ou indiretamente, como havia inferido na publicação do dia cinco de junho, afirmando que “aceita ir a debates se Lula for”.

A segunda sequência se refere ao candidato petista: a incansável busca por aliados no centro e na direita marcaram a campanha do presidente eleito ainda mais evidentemente que em suas outras eleições. Sua estratégia se revela, assim, afirmar alianças desde o início da campanha, buscando em diversas oportunidades minar o possível apoio a Bolsonaro em nichos de direita moderada. Isso se observa nas aproximações ao PSDB feitas pelos petistas, como publicado no dia 3 de junho sobre a “Agenda azul” de Geraldo Alckmin em Minas, local onde o apoio ao partido aliado a Lula tem capilaridade para penetrar o grupo da direita, em especial o empresariado. Essa aproximação, observada também posteriormente em relação ao MDB, gerou uma resposta negativa por parte do eleitorado de esquerda de Luís Inácio. A indignação pode ser simbolizada com as vaias sofridas por Alckmin no nordeste, como noticiado no dia 19 do mesmo mês. Outra classe que foi estudada e criou acordos com o PT foram os policiais, questão considerada importante para conter o bolsonarismo. Todos esses fatores resultam dos ajustes necessários para dar ao projeto petista aceitação nos grandes grupos de centro e direita que anteriormente rejeitaram o lulismo.

A terceira das tendências observadas no caderno de Política são os constantes ataques de Bolsonaro ao TSE e ao processo eleitoral, que resultam em necessidade da garantia do resultado da eleição pelo exército, sobre ameaça da não aceitação deste por parte de uma direita radicalizada. Foram três ataques no mês de junho, com início anterior. Como visto após a posse de Lula, Marcos Nobre previu corretamente em entrevista publicada no dia 26 de junho: “essa ameaça autoritária vai seguir mesmo se Bolsonaro perder”. Dessa forma, observa-se a influência dos atos e discurso do ex-presidente na organização da direita “direitizada” desde 2018.

Naquilo que toca a análise da intenção de voto no ano de 2022, podemos considerar quatro vezes em que o jornal publicou pesquisas do Datafolha, a fim de entender os perfis dos eleitores, assim como a evolução inicial das bases e campanhas dos candidatos.

A primeira pesquisa, publicada no dia 2 de junho, apresenta a manchete “Eleitores com ensino superior têm peso na dianteira de Lula”. Os dados apresentados mostram um crescimento de 15% na intenção de votos de Lula em um provável segundo turno: de 25% em 2018, para 40% em 2022. A hipótese se dá, na publicação, de que a classe média – principal setor entre os mais escolarizados – teria rejeitado Bolsonaro em parte nessa eleição, em contraste com uma grande adesão em 2018. Observa-se ainda a confiança dessa parcela nas urnas eletrônicas, que fora alvo de constantes ataques do ex-presidente. Evidencia-se assim um “recuo no antipetismo”, que havia sido essencial na vitória da direita em 2018, com a manutenção das bases petistas de eleitores de baixa escolaridade e baixa renda.

A pesquisa seguinte, publicada no dia 5, traz como título da publicação “identificação com ideias de direita recua, aponta Datafolha”. Com intenção de traçar um perfil opinativo do eleitorado brasileiro, essa pesquisa traz a

polarização entre esquerda e direita materializada em temas que geralmente dividem as opiniões. De acordo com a pesquisa, 49% se identificaram com a esquerda, enquanto 39% tomaram a opinião oposta. É notado aumento na distância entre esses indicadores, com a pesquisa em 2017 resultando em 41% e 40% respectivamente. Chama a atenção a divisão de opiniões sobre a intervenção do governo na economia, ponto de importância na diferenciação entre os candidatos: 50% concordaram que o governo deveria atuar na economia enquanto 41% preferiam o mínimo de interferência. O equilíbrio relativo desta dicotomia é mais característico da polarização atual do que o percentual de representantes de esquerda e direita, uma vez que direitas moderadas se aglutinaram ao petismo, se opondo a direita radicalizada.

No dia treze de junho, ainda, O Globo publica mais uma pesquisa Datafolha, que delimita que “metade dos brasileiros é a favor de cotas na universidade”, dessa pesquisa pode-se aferir mais uma vez a importância da educação na divisão do eleitorado: entre os apoiadores de Bolsonaro, 57% não era a favor das cotas, enquanto entre aqueles que consideram o governo anterior como péssimo, 57% eram a favor. Jovens também apoiam mais em peso as cotas, contra apenas 30% entre os que tem 60 anos ou mais.

Finalmente, no dia vinte e cinco de junho, o jornal publica a pesquisa da semana do Datafolha, que demonstra ainda mais os pontos de atrito entre os recortes eleitorais dos candidatos. Com o título “mais ricos explicam resiliência de Bolsonaro”, mostrando que a renda foi um dado importante na polarização, lembrando a segunda eleição de Lula, com acirramento dessa divisão. Em 2022, 56% dos eleitores com renda familiar de até dois salários-mínimos votaria no petista, contra apenas 20% em Bolsonaro. Inversamente, o ex-militar tinha 47% de intenção de voto entre os eleitores de renda familiar de mais de dez salários-mínimos e 44% nas de cinco a dez salários. Lula, por sua vez, contava com apenas 35% e 29% nesses mesmos grupos.

Nesta mesma pesquisa, podemos destacar ainda dois fatores já conhecidos desta argumentação. O primeiro se trata do aspecto regional do voto: a força do lulismo no nordeste o mune de 58% de intenção de votos na região, contra apenas 19% de Jair. O candidato do PL só alcança vantagem regionalmente, porém, no centro-oeste, com 40% contra 30% do petista. Por fim ainda denota-se um segundo fator: a rejeição de Bolsonaro, que na data da pesquisa alcançava 47% dos eleitores. Em grupos delimitados essa rejeição ficava ainda mais clara: no nordeste, como visto anteriormente e entre as mulheres, novamente ponto fraco da estratégia de Jair na eleição.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que se pode extrair dessa conjuntura, é que o PT possui uma força política característica, que advém em partes de seu principal personagem Luiz Inácio Lula da Silva, de quem a obteve através de discursos e políticas que atingiram as classes menos favorecidas do Brasil. Lula, cresce à medida que os políticos da direita se afastam dos desejos da população mais empobrecida do país. Entretanto, Lula perde uma considerável intenção de votos da classe média brasileira, por parte resultada de suas políticas, em especial devido à radicalização de parte da direita, com mecanismos políticos remetentes ao militarismo.

Na disputa entre as duas polarizações, uma baseada no aspecto socioeconômico dos eleitores, com pobres contra ricos e outra baseada na divisão do espectro político, de um lado democrático contra outro lado de

viés autoritário, sobressaltam-se as diferenças políticas e radicaliza-se uma direita até então isolada, enquanto uma esquerda cada vez mais branda é vista obrigada a fazer cada vez mais concessões para a direita moderada.

Assim, deixam-se as observações finais, na forma de perguntas que só serão respondidas pelo tempo: poderá o lulismo pôr em funcionamento o mesmo mecanismo de reformismo – já considerado fraco em 2006 – que remete sempre a um passado cujas bases de disputa e complexidade não se mantiveram hoje? Terão as ideias de uma direita radicalizada se esgotado na falha tentativa de golpe, ou os ecos dessa aliança entre ultraliberais e neoconservadores ainda poderão se aproveitar das disputas internas esperadas de uma frente ampla democrática? Por fim, se deixa a observação dos contrapostos e de certas ideias de polarização como incentivo a análise das movimentações dentro do espectro político, de grande importância para o entendimento maior da disputa política do poder no Brasil.

REFERÊNCIAS

ALBERTONE, Manuela Antonietta. **La critica dell'autorità della storia e la nascita della modernità**. 2016. Disponível em: <https://iris.unito.it/handle/2318/1588437>. Acesso em: set. 2022.

ALESSI, Gil. **Brasil sem Lula em 2018: quem ganharia e quem perderia no xadrez político**. El País. Especialista analisam a situação dos potenciais candidatos após a sentença de Sergio Mouro. 2017. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/07/14/politica/1500052605_100199.html#?prm=copy_link. Acesso em: dez. 2023.

ALKMIM, Antônio Carlos; TERRON, Sonia Luiza. O Brasil é realmente um país polarizado? Análise das eleições presidenciais de 1989 a 2018. **Estudos Avançados**, v. 36, p. 7-32, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/yvk63R4SSWFzDsnZLByybFr/abstract/?lang=pt>. Acesso em: jan. 2023.

BBC BRASIL. Leia a íntegra, o segundo discurso de posse de Lula. 1 de janeiro 2007. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/reporterbbc/story/2007/01/070101_luladiscorso2_ac. Acesso em: dez. 2022.

CHALOUB, Jorge; LIMA, Pedro; PERLATTO, Fernando. **Apresentação: direitas no Brasil contemporâneo**. Teoria e cultura, v. 13, n. 2, 2018. Disponível em: <http://periodicos.ufjf.br/index.php/TeoriaeCultura/article/view/13988>. Acesso em: jan.2023.

COSTA, André Bello Sá Rosas. **Origem, causas e consequências da polarização política**. 2019. xii, 217 f., il. Tese (Doutorado em Ciência Política) —Universidade de Brasília, Brasília, 2019. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/37008>. Acesso em: set. 2022.

DETRAGIACHE, Angelo. **I fondamentali della società contemporanea**. F. Angeli, 1996. Disponível em: https://www.francoangeli.it/Ricerca/Scheda_Libro.aspx?ID=3794&Tipo=Libro&strRicercaTesto=3794&lingua=it&titolo=i+fondamentali+della+societa%27+contemporanea+. Acesso em: set. 2022.

DE LUNA, José Marcelo Freitas; DA SILVA SANTOS, Jonatas Marcos. A convergência entre complexidade e diálogo: fundamentos da educação para o século XXI. **Revista Diálogo Educacional**, v. 22, n. 72, 2022. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/dialogoeducacional/article/view/28598>. Acesso em: set.2022.

ESTADÃO, Análise das Eleições 2018. O que esperar do Governo Bolsonaro? O apresentador Haisem Abaki conversa sobre o assunto com o cientista político Marco Aurélio Nogueira e a jornalista Vera Magalhães. 29 out. 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8yuMDXLzfaY>. Acesso em: jan. 2023.

GÜRPINAR, Doğan. A ascensão dos intelectuais políticos: think tanks e os operadores da tecnologia política. In: **Apparatchiks e Ideólogos na Turquia Islâmica**. Palgrave Macmillan, Cham, 2023. p. 71-102. Disponível em: https://link.springer.com/chapter/10.1007/978-3-031-15652-6_5. Acesso em: jan. 2023.

HOLSTON, James. **Cidadania insurgente: disjunções da democracia e da modernidade no Brasil**. Editora Companhia das Letras, 2013. Disponível em: <https://www.google.com/books?hl=pt-BR&lr=&id=YROoBAAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT4&dq=diferentes+direitas+em+uma+dicotomia+vazia+de+an%C3%A1lise+de+classe+e+cada+vez+mais+baseado+nas+diferen%C3%A7as+de+um+conjunto+de+ideias+sobre+a+base+da+funda%C3%A7%C3%A3o+da+sociedade+brasileira.&ots=dS4Z8Y4z90&sig=GzffQi9c0WTopMjqL7ED9m6uHvl>. Acesso em: jan. 2023.

NICOLAU, Jairo. **O Brasil dobrou à direita: uma radiografia da eleição de Bolsonaro em 2018**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2020. Disponível em: https://www.google.com/books?hl=pt-BR&lr=&id=aHf8DwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT3&dq=%E2%80%9Cem+2018,+ser+antipetista+significou+ser+bolsonarista%E2%80%9D.+&ots=AT5_DsPWV_&sig=gJYzxn1AkwwHQWjDV_efrVP0078. Acesso em: dez. 2022.

SINGER, André. **Os sentidos do lulismo: reforma gradual e pacto conservador**. Editora Companhia das Letras, 2012. Disponível em: https://www.google.com/books?hl=pt-BR&lr=&id=gvmnBAAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT2&dq=Sentido+do+Lulismo+no+Brasil&ots=c76pX2RHJ7&sig=wJF5mJU50_DNSzpl4YXF9x_4F1U. Acesso em: set. 2022.

O GLOBO, Edições de junho 2022. Acervo O Globo – Caderno de política. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=2020202206>